



De acordo com a teosofia, a música ou vibração harmônica que permeia toda a natureza em nosso planeta inclui não só sons, mas cores, aromas, e níveis ou modos de consciência.

Fundamentalmente, esta lei da vibração universal opera não só no ambiente terrestre, mas em nosso sistema solar e além dele. Quanto à correlação que há entre os diferentes aromas, assim como entre todas as vibrações da vida e da natureza, um Mestre de Sabedoria escreveu em 1882:

“Acabo de ver um artigo sobre o *olfato* escrito por um professor inglês (que farei com que seja comentado no ‘Theosophist’ e sobre o qual direi algumas palavras) e descobri nele algo que se aplica ao nosso caso. Assim como, na música, dois sons diferentes podem formar parte de um acorde e ser distinguíveis separadamente, sendo que esta harmonia ou dissonância depende das vibrações sincrônicas e períodos complementares, do mesmo modo há um *rapport* [*relação*] entre o médium e a ‘entidade’, quando as suas moléculas astrais se movimentam harmonizadamente. E a questão sobre se a comunicação refletirá mais a idiosincrasia pessoal de um ou de outro é determinada pela intensidade relativa dos dois conjuntos de vibrações na onda composta no *Akasha*.” [2]

Dois exemplos de uso sistemático da vibração superior dos aromas são a ciência antiga e moderna da aromaterapia, e a tradicional utilização de incenso durante a prática da oração e da meditação.

( C. C. A. )

## A Escala Harmônica dos Aromas

Helena P. Blavatsky

O velho provérbio segundo o qual “a verdade pode ser mais estranha que a ficção” foi, mais uma vez, confirmado. Um cientista inglês - o professor William Ramsay, da Universidade de Bristol - acaba de fazer uma comunicação na revista “Nature” (edição de 22 de Junho) abordando uma teoria que explica o sentido do olfato de um modo capaz de chamar muita atenção.

Como resultado de observações e experimentos, ele apresenta a ideia de que o odor se deve a vibrações similares às vibrações que dão origem à luz e ao calor, apenas com uma frequência mais baixa.

A sensação de odor, segundo ele, é provocada pelo contato de alguma substância com os órgãos terminais dos nervos olfativos, que estão espalhados como uma rede pela membrana mucosa na parte superior da cavidade nasal. A causa imediata da sensação de cheiro está nos minúsculos pelos da membrana nasal, cuja conexão com os nervos ocorre através de células que têm a forma de eixos. A sensação de odor não é provocada pelo contato com um líquido ou substância sólida, mas sempre com um gás. Mesmo no caso dos metais que possuem cheiro, assim como latão, cobre, estanho, etc., há um gás sutil ou um vapor pungente emitido

por eles em temperaturas atmosféricas normais. As intensidades variadas dos cheiros dependem do seu peso molecular relativo. O odor se torna mais forte à medida que os gases aumentam em peso molecular. Quanto à *qualidade* do odor, o professor considera que ela provavelmente depende da escala harmônica da vibração.

“Assim, a qualidade do tom de um violino é diferente da qualidade de tom de uma flauta devido à diferença de escala harmônica ou dos sons secundários, que são específicos para cada instrumento. Eu atribuiria à escala harmônica a qualidade dos odores possuídos pelas diferentes substâncias (.....). O odor, então, pode ser semelhante ao som, já que a sua qualidade é influenciada pela escala harmônica. E, assim como um flautim tem a mesma qualidade que uma flauta, embora alguns pontos da sua escala harmônica sejam tão altos que estão além do alcance do ouvido, assim também os odores devem a sua qualidade à escala harmônica, sem a qual ficariam situados além da percepção.”

Dois sons, ouvidos ao mesmo tempo - diz ele -, ocorrem em consonância ou dissonância; no entanto o ouvido consegue percebê-los separadamente. A combinação de duas cores, por outro lado, produz uma só impressão visual, e nem sempre se pode analisá-la. “Mas o odor é semelhante ao som e não à luz neste aspecto. Porque numa mistura de odores, é possível, através da prática, distinguir cada ingrediente”; e - num experimento de laboratório - é possível “obter sensação igual através da mistura de vários ingredientes”. Aparentemente surpreso pela sua própria audácia, o professor formula “a teoria apresentada com grande cautela”. Pobre descobridor. O pé elefantino da Royal Society [3] pode esmagar os dedos dos seus pés. O problema, diz ele, deve ser resolvido “através de uma avaliação cuidadosa das ‘linhas’ no espectro dos raios de calor, e pelo cálculo dos elementos fundamentais que esta teoria supõe serem a causa dos odores.”

Talvez seja um alívio parcial para o professor Ramsay saber que ele não é o primeiro a percorrer o caminho que agora subitamente descobriu, e que leva desde o seu laboratório até a calçada da fama. Foi publicado há pelo menos vinte anos na América do Norte um romance, intitulado “Kaloolah”. O autor é um certo Dr. Mayo, escritor bem conhecido. Entre outras coisas, o romance descreve uma estranha cidade, situada no coração da África, onde, em muitos aspectos, a população é mais civilizada e aperfeiçoada que os europeus de hoje em dia. Em relação aos aromas, por exemplo.

O príncipe daquele país, para agradar os seus visitantes - o personagem principal da história e os seus amigos - senta junto a um grande instrumento semelhante a um órgão, com tubos, registro, pedais e um teclado, e toca uma complexa composição, como num instrumento musical, mas na qual a escala harmônica é composta de aromas, ao invés de sons. E ele explica aos visitantes que, através da prática, o seu povo desenvolveu o sentido do olfato até um grau tão elevado de sensibilidade que, através de combinações e contrastes entre aromas, eles podem ter um prazer tão grande quanto a população europeia sente ao ouvir uma “combinação de sons agradáveis”.

Fica bastante claro portanto que o Dr. Maio teve um conhecimento, se não científico, pelo menos intuitivo, desta teoria vibratória dos aromas, e que a sua *gaita de aromas* não é um mero produto da fantasia de um romancista, embora os leitores tenham pensado isso ao rir intensamente do gracejo.

O fato é que - como tem sido observado tantas vezes - o sonho de uma geração é a experiência prática da geração seguinte. Se a nossa fraca voz pudesse, sem profanação, invadir um local tão sagrado como o laboratório da Universidade de Bristol, pediríamos ao Sr. Ramsay que desse uma olhada - apenas uma olhada rápida, a portas fechadas, e quando estiver sozinho - naquilo que diz a ... a.... (é preciso coragem para dizer este nome!) *Ciência Secreta*. (Foi difícil pronunciar este nome assustador; mas já o dissemos, finalmente, e o professor deve escutá-lo.) Então ele verá que a sua teoria vibratória é mais antiga que o romance do Dr. Mayo, já que os antigos indianos a conheciam, e ela faz parte da filosofia hindu sobre a escala harmônica da natureza. [4] Eles ensinavam que há uma perfeita correspondência ou compensação mútua entre todas as vibrações da Natureza, e uma relação extremamente íntima entre o conjunto de vibrações que nos dão a sensação de som, e o outro conjunto de vibrações que nos dão a sensação de cor. Este assunto recebe alguma atenção em “Ísis Sem Véu”. [5]

O adepto oriental aplica este mesmo conhecimento de modo prático, quando ele transforma qualquer cheiro desagradável no primeiro perfume delicioso que lhe vier à lembrança. E assim a ciência moderna, depois de rir durante tanto tempo das suas próprias piadas a respeito da credulidade infantil dos asiáticos, que acreditam nas histórias de fadas sobre os poderes dos seus Sadhus, agora termina por ser forçada a demonstrar a possibilidade científica daqueles mesmos poderes, através de experiências de laboratório. Os professores universitários da Índia deveriam lembrar sempre daquele tradicional ditado que afirma: “Ri melhor quem ri por último”.

## NOTAS:

[1] “The Early Teachings of the Masters”, primeira edição, 1923. Edição facsimilar, Kessinger Publishing Co., Montana, USA, pp. 237-240. O texto “The Harmonics of Smell” também está incluído no volume IV de “The Collected Writings of H. P. Blavatsky”, TPH, Wheaton, USA, 1991, pp. 177-179.

[2] “Cartas dos Mahatmas Para A. P. Sinnett”, Editora Teosófica, Brasília, Volume I, Carta 68, item 3, pp. 299-300.

[3] Royal Society - A Sociedade Científica que reúne cientistas e pensadores ingleses, desde o século 17.

[4] A respeito da “escala harmônica da natureza”, ver também “From the Caves and Jungles of Hindostan”, H. P. Blavatsky, TPH, Wheaton, USA, 719 pp., 1975/1983, pp. 278-301. Um texto importante sobre este tema é “Occult or Exact Science?”, de H. P. B. Pode ser encontrado em “Theosophical Articles”, H. P. Blavatsky, Theosophy Co., Los Angeles, 1981. Ver volume II, pp. 46-74. Também está incluído em “Collected Writings of H.P. Blavatsky”, T.P.H., volume VII, pp. 55-90.

[5] Ver “Ísis Sem Véu”, Helena Blavatsky, Ed. Pensamento, SP, volume II, pp. 193-194 (entre outras passagens). Em inglês, “Isis Unveiled”, H. P. Blavatsky, Theosophy Co., Los Angeles, Vol. I, p. 514.

000000000000000000



penitências auto-impostas, podem dar essa iluminação. Todos estes são apenas meios para um fim, e a única coisa que podemos fazer é dirigir o uso destes meios, que, como foi comprovado pela experiência das idades, levam ao objetivo buscado. E há milhares de anos que isto não é segredo. Jejum, meditação, castidade em pensamento, palavra e ação; silêncio durante certos períodos de tempo para permitir que a própria natureza fale a quem se aproxima dela em busca de informação; domínio das paixões e impulsos animais; completa ausência de egoísmo nas intenções, e o uso de certo incenso e certas fumigações com objetivos fisiológicos, têm sido apontados como instrumentos desde a época de Platão e Jâmblico, no Ocidente, e desde os tempos ainda mais remotos de nossos Rishis hindus. A maneira como tudo isso deve ser posto em prática de modo que seja adequado para cada temperamento, é, naturalmente, tema de experimentação da própria pessoa e da cuidadosa observação de seu tutor ou guru. Isso é de fato uma parte do seu aprendizado, e seu guru ou iniciador só pode ajudá-lo com a sua experiência e força de vontade, mas não pode fazer nada mais que isso, *até a última e suprema iniciação*. Penso também que poucos candidatos imaginam o grau não só de desconforto, mas de sofrimento e sacrifício, a que o mencionado iniciador se submete pelo bem do seu discípulo. As condições específicas, físicas, morais e intelectuais, de neófitos e Adeptos são muito diferentes, como qualquer pessoa pode compreender facilmente. Assim, em cada caso, o instrutor tem que adaptar as suas condições às do discípulo, e a tensão é terrível, pois para conseguir êxito temos que nos colocar em *plena* sintonia com o indivíduo em treinamento. E quanto maiores os poderes do Adepto, menos ele está em simpatia com a natureza do profano, que, com freqüência, vem até ele saturado com as emanções do mundo exterior, aquelas emanções animais da multidão egoísta e brutal que tanto tememos; quanto mais afastado o instrutor se encontra desse mundo e quanto mais puro se tenha tornado, tanto mais difícil é a tarefa a que se impõe. Além disso, o conhecimento só pode ser comunicado gradualmente; e alguns dos segredos mais elevados, se fossem expressados, mesmo a seus ouvidos bem preparados, poderiam soar a você como um palavrório insano, apesar de toda a sinceridade de sua atual convicção de que “a confiança absoluta desafia a incompreensão”. Esta é a causa verdadeira da nossa reserva. É por isso que as pessoas se queixam tão freqüentemente, com uma demonstração plausível de razão, de que nenhum conhecimento novo lhes é comunicado, apesar de terem estado se esforçando por ele, dois, três ou mais anos. Aqueles que realmente desejam aprender devem abandonar tudo e vir até nós, em vez de pedir ou esperar que nós avancemos até eles. Mas como isso pode ser feito em seu mundo e sua atmosfera? (I, 134-135)

### **[ 3. É Impossível Fazer uma Transmissão Súbita ]**

Como posso expressar idéias para as quais até agora você não conhece palavras? As mentes mais refinadas e sensíveis, como a sua, recebem mais que as outras, e mesmo quando estas últimas recebem uma pequena dose extra, esta se perde pela falta de palavras e imagens que fixem as idéias flutuantes. Talvez, e indubitavelmente, você não saiba a que me refiro agora, mas saberá um dia - paciência. Dar a um homem mais conhecimento do que ele está capacitado para receber é uma experiência perigosa, e, além disso, há outras considerações que me limitam. A comunicação súbita de fatos que transcendem tanto o comum é em muitos casos fatal, não só para o neófito, mas também para os que o rodeiam. (I, 136)

### **[4. Há uma Relação Simétrica Entre o Esforço do Mestre e o Esforço do Discípulo ]**

Resumindo: o mau uso do conhecimento pelo discípulo sempre reage sobre o iniciador, e nem creio que você saiba que, ao compartilhar os seus segredos com alguém, o Adepto, devido a uma

Lei imutável, retarda o seu progresso para o Repouso Eterno. Talvez o que digo agora possa ajudá-lo a obter uma concepção mais verdadeira das coisas, e a avaliar melhor a nossa posição mútua. Vagar ociosamente pelo caminho não conduz a uma rápida chegada ao fim da jornada. E deve soar a você como uma verdade evidente que alguém deve pagar um preço por tudo e por qualquer verdade, e, nesse caso – NÓS pagamos. Não tenha medo; estou disposto a pagar a minha parte, e disse isto aos que me colocaram a questão. Não o abandonarei, nem me mostrarei menos disposto ao sacrifício que a pobre e depauperada mortal que chamamos de “Velha Senhora”[3]. (I, 136-137)

#### **[5. A Verdade Não Necessita de Deuses ou Anjos ]**

A Verdade se sustentará sem a inspiração de Deuses ou Espíritos, e melhor ainda, se sustentará apesar deles; os “anjos” em geral não fazem mais que sussurrar falsidades e aumentar a quantidade de superstições. (I, 140)

#### **[6. Mestres Julgam os Seres Humanos Pelas Suas Intenções ]**

Nós, asiáticos semi-selvagens, julgamos um homem pelas suas intenções e as suas são todas sinceras e boas. Mas você tem que lembrar que está numa escola muito dura, e tratando agora com um mundo inteiramente diferente do seu. Especialmente, você tem que ter em mente que a mais leve causa produzida, mesmo inconscientemente e com qualquer intenção, não pode ser desfeita, nem é possível interceptar o progresso dos seus efeitos - nem com a força combinada de milhões de deuses, demônios e homens. (I, 141)

#### **[7. Um Lustrador de Botas Honesto é Tão Bom Quanto um Rei Honesto ]**

Para nós um lustrador de botas honesto é tão bom quanto um rei honesto, e (...) um varredor de ruas imoral é muito melhor e mais desculpável do que um imperador imoral ... (I, 158)

#### **[8. Todo Sábio Deixa de Lado Dor e Prazer Pessoais ]**

... Lembrem que a primeira exigência, mesmo para um simples faquir, é que ele deve ter treinado a si mesmo até saber permanecer indiferente tanto à dor moral como ao sofrimento físico. Nada pode causar, em NÓS, dor ou prazer pessoais. (I, 159)

#### **[ 9. O Ceticismo em Torno dos Mestres Garante a Paz Deles ]**

Gostaria de poder imprimir em suas mentes uma profunda convicção de que não desejamos que o sr. Hume ou você provem conclusivamente ao público que nós realmente existimos. Por favor, compreenda o fato de que, enquanto os homens duvidarem, haverá curiosidade e pesquisa, e que a pesquisa estimula a reflexão, que gera o esforço; mas, uma vez que o nosso segredo tenha sido completamente vulgarizado, não só a sociedade cética não terá grandes benefícios, como também a nossa privacidade estaria constantemente em perigo e teria que ser resguardada a um custo irracional de energia. (.....) Ah, Sahibs, Sahibs! Se vocês pudessem pelo menos catalogar-nos, rotular-nos e colocar-nos no Museu Britânico, então de fato o seu mundo poderia ter a verdade absoluta, a verdade dissecada. (I, 163)

#### **[10. Dogmatismo Religioso é Incompatível Com Teosofia]**

O que temos nós, discípulos dos verdadeiros Arhats, do Budismo esotérico e de Sang gyas, a ver com os *Shastras* [4] e o Brahmanismo ortodoxo? Há 100 milhares de faquires, sannyasis e sadhus levando vidas totalmente puras e, entretanto, porque estão no caminho do erro, nunca tiveram uma oportunidade de nos encontrar, de nos ver ou sequer ouvir falar de nós. Os antepassados deles expulsaram da Índia os seguidores da única filosofia verdadeira existente sobre a terra [5], e agora não são estes que irão até eles, mas eles é que devem vir até nós se o quiserem. Quem entre eles está disposto a se tornar um budista, um Nastika [6], como eles nos chamam? Ninguém. Aqueles que acreditaram em nós e nos seguiram obtiveram a sua recompensa. Os senhores Sinnett e Hume são exceções. As suas crenças não são barreiras para nós, pois não têm *nenhuma*. Eles podem ter tido influências ao seu redor, más emanções magnéticas resultantes da bebida, da sociedade mundana e de associações físicas promíscuas (resultantes até mesmo de apertar a mão de homens impuros); mas todos esses impedimentos são físicos e materiais, aos quais podemos nos opor com um pequeno esforço, e mesmo eliminá-los sem muito esforço para nós. Mas é diferente com o magnetismo e os resultados invisíveis produzidos por crenças errôneas e sinceras. [7] A fé em Deuses ou em Deus e outras superstições atraem milhões de influências alheias, entidades vivas e poderosos agentes para perto das pessoas, e nos veríamos obrigados a usar algo mais que o exercício comum de poder para afastá-los. Nós decidimos não fazê-lo. Não consideramos necessário nem proveitoso perder o nosso tempo travando uma guerra com planetários atrasados que se delíam personificando deuses e, às vezes, personagens famosos que viveram na terra. (I, 165,166)

## NOTAS:

[1] O “final do ciclo” ocorreu entre os anos 1897 e 1900. Em 1897 completaram-se os primeiros 5.000 anos do Kali Yuga. Em 1900 houve a passagem para a Era de Aquário. A missão de Helena Blavatsky, feita sob a coordenação dos Mestres, preparou estes dois eventos.

[2] “Irmãos”, isto é, Adeptos, Mahatmas, Mestres.

[3] “Velha Senhora”: H. P. Blavatsky.

[4] Shastras - Escrituras sagradas do hinduísmo.

[5] Menção ao fato de que, na antiguidade, os hindus ortodoxos expulsaram os budistas da Índia. Já no século 20, o líder indiano Mohandas “Mahatma” Gandhi, cuja filosofia é amplamente teosófica, foi assassinado a sangue frio em 1948 por um hindu ortodoxo radical.

[6] “Nastika” - Ateu, ou alguém que não reconhece deuses e ídolos.

[7] Para os Mestres, mais importante que a pureza meramente física é a intenção do indivíduo, conforme foi dito em trecho citado antes. O fanatismo fecha a porta para a verdade e acaba em hipocrisia. Este princípio é ilustrado no Novo Testamento através do modo como Jesus enfrenta os escribas e fariseus. Veja por exemplo João, 8: 1-11, e Mateus, 23: 13-29.

000000



suas oscilações, e tampouco inveja a boa sorte de outros. Ele sabe bem que todos estão apenas aprendendo lições. Ele sorri para o socialista e o reformador que se esforçam por mudar circunstâncias cuja causa está nas forças da própria natureza humana. Esse esforço é como debater-se contra os espinhos. É um desperdício de vida e de energia.

Ao compreender isso, o ser humano renuncia aos seus imaginados direitos individuais, sejam eles quais forem. Ele deixa de lado o uso e a posse de um aguilhão venenoso que é compartilhado por todos os indivíduos de visão limitada.

Quando o discípulo reconhece completamente que a própria ideia de direitos individuais é apenas um resultado da presença do veneno em si, e que constitui o som da serpente do seu eu inferior, que envenena com sua mordida a sua própria vida e a vida dos que o rodeiam, então ele está pronto para participar de uma cerimônia anual que é aberta a todos os neófitos capacitados para ela. Todas as armas defensivas e ofensivas são abandonadas; e todas as armas da mente e do coração, do cérebro e do espírito. Nunca mais um ser humano será visto por ele como alguém que pode ser criticado ou condenado; nunca mais o neófito pode levantar sua voz em autodefesa ou para desculpar a si mesmo. Ele sai daquela cerimônia e volta para o mundo na condição de um ser desprotegido e como uma criança recém-nascida. E isso é, exatamente, o que ele é. Ele começou a nascer de novo no plano superior da vida, naquele planalto bem iluminado em que os ventos correm livres, e de onde os olhos veem inteligentemente o mundo a partir de uma nova percepção.

Eu disse acima que, depois de renunciar ao sentido de direitos individuais, o discípulo deve abrir mão também do sentido de auto-respeito e de virtude [2]. Isso deve soar como uma doutrina terrível; mas todos os ocultistas sabem bem que não se trata de uma doutrina, e sim de um fato. Aquele que se considera mais sagrado que o outro, aquele que tem qualquer orgulho de estar livre de um vício ou erro, aquele que se considera sábio ou de algum modo superior aos seus semelhantes - é incapaz de ser discípulo. O ser humano deve tornar-se como uma criança pequena, antes que possa ingressar no reino dos céus.

A virtude e a sabedoria são coisas sublimes, mas se elas criam na mente de alguém um orgulho e uma consciência de separatividade em relação ao resto da humanidade, então elas são apenas a serpente do eu inferior, reaparecendo sob uma forma mais sutil. A qualquer momento esse *eu* pode adotar sua velha forma grosseira e atacar tão ferozmente como aquele *eu* que inspira as ações de um assassino, capaz de matar para obter riquezas ou por raiva; ou de um político capaz, de sacrificar a população pelos seus próprios interesses ou pelos interesses do seu partido.

Na verdade, a ideia de perder o poder de ferir implica que a serpente do eu inferior não é só paralisada, mas morta.

Quando ela é apenas desorientada ou induzida ao sono, ela ressurge e o discípulo passa a usar o seu conhecimento e o seu poder para os seus próprios fins pessoais, e então se torna um discípulo dos muitos mestres das artes anti-evolutivas, porque o caminho da destruição é muito largo e fácil, e pode ser encontrado com os olhos fechados. Este é, evidentemente, o caminho da destruição. Porque quando um indivíduo começa a viver para si mesmo ele reduz o seu horizonte cada vez mais até que, no final, o espaço de que dispõe é do tamanho de uma cabeça de alfinete. Todos já vimos este fenômeno ocorrer na vida comum. Um homem egoísta se isola; ele se torna menos interessante e menos agradável para os outros. Trata-se de um

espetáculo desagradável. As pessoas se afastam de alguém que é muito egoísta como se o indivíduo fosse um animal perigoso. O fato é ainda mais desagradável quando ocorre em um plano superior da vida, e quando o indivíduo tem os poderes de um conhecimento adquirido ao longo de várias encarnações.

Por isso eu digo: faça uma pausa e pense bem no limiar.

Porque se o pedido do neófito for feito sem uma completa purificação, ele não chegará até o local de retiro do adepto divino, mas evocará as forças terríveis que servem o lado obscuro da natureza humana.

**“Antes que a alma possa estar na presença dos Mestres, os seus pés devem ser lavados com o sangue do coração”.** A palavra “alma”, usada aqui, significa a alma divina, “o espírito estelar”.

## NOTAS:

[1] “O Teosofista” está traduzindo passo a passo, desde agosto de 2011, a edição original em inglês da obra **“Light on the Path”** (“Luz no Caminho”), de M. C. , Theosophy Company, Mumbai, Índia, 1991, 90 páginas. O presente fragmento está nas páginas 75 a 80 da edição da Theosophy Company.

[2] Esta é uma referência ao auto-respeito orgulhoso, e à aparência de virtude perante os outros, duas características de um eu inferior desinformado. Na verdade, o estudante amplia o auto-respeito no sentido de que o seu respeito pelo seu próprio eu superior, seu verdadeiro eu, se aprofunda.

## **Novos Textos em [www.FilosofiaEsoterica.com](http://www.FilosofiaEsoterica.com)**

Apresentamos a seguir o relatório de produção do website [www.FilosofiaEsoterica.com](http://www.FilosofiaEsoterica.com) , válido para o dia 10 de março.

O total de textos e áudios em língua portuguesa é de **629** itens. Em inglês, são **316**. Em espanhol, **28**. O total nos três idiomas é **973**.

Textos publicados nos 30 dias anteriores a 10 de março, em [www.FilosofiaEsoterica.com](http://www.FilosofiaEsoterica.com) e seus websites associados:

(Lista por ordem cronológica, com os textos mais recentes acima)

1. **The Aquarian Theosophist, February, 2012**
2. **The Psychology of Wisdom - John Garrigues**
3. **Reunindo Experiências de Vida - John Garrigues**
4. **The Theosophical Movement - William Q. Judge**
5. **Undergoing all Experience - John Garrigues**
6. **Meditando Pelo Despertar de Nova Era - Carlos Cardoso Aveline**

